



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-9 – Museu, Patrimônio e Informação

CONTRIBUIÇÃO DA BIOGRAFIA DOS OBJETOS PARA O TRATAMENTO E PRESERVAÇÃO DE REALIDADES

CONTRIBUTION OF OBJECT BIOGRAPHY TO THE TREATMENT AND PRESERVATION OF REALITIES

Ediane Toscano Galdino de Carvalho. UFPB.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Biografia dos Objetos como abordagem metodológica que contribui para a Ciência da Informação no que concerne ao tratamento da representação descritiva e contextualizada de acervos inseridos em lugares de memória. O processo metodológico utilizado para atender tal finalidade foi baseado no levantamento de fontes de informações relacionadas à temática, sobretudo com base na Perspectiva de Samuel Alberti. Essa abordagem está fundamentada na reconstrução de histórias e memórias sobre os indícios da realidade a partir da coleta do máximo de informações tangíveis e intangíveis que abrange desde o processo de produção até a elaboração de atividades definidas nos mais diferentes espaços. Verificamos que a Biografia dos Objetos é uma ferramenta relevante no processo de tratamento e preservação de acervos e na compreensão de que os bens tangíveis são intrínsecos no processo de sobrevivência do ser humano e mediador nas transformações sociais.

Palavras-Chave: Biografia dos Objetos. Tratamento contextual de objetos. Acervos em Lugares de memória.

Abstract: The present work aims to present the Biography of Objects as a methodological approach that contributes to Information Science regarding the treatment of descriptive and contextualized representation of collections inserted in places of memory. The methodological process used to meet this purpose was based on the survey of sources of information related to the theme, especially based on Samuel Alberti's Perspective. This approach is based on the reconstruction of stories and memories about the evidence of reality from the collection of as much tangible and intangible information as possible, covering from the production process to the elaboration of activities defined in the most different spaces. We verified that the Biography of Objects is a relevant tool in the process of treatment and preservation of collections and in the understanding that tangible goods are intrinsic in the process of human survival and mediator in social transformations.

Keywords: Biography of Objects. Contextual treatment of objects. Collections in Places of Memory.



1 INTRODUÇÃO

O ser humano se desenvolveu enquanto elemento social e cultural à medida que a necessidade de sua sobrevivência foi aumentando e, em grande medida, as suas habilidades de criar instrumentos também foram se intensificando em resposta às demandas que surgiam. Dessa forma, a trajetória social do ser humano é construída a partir das relações entre ele, seu contexto no qual está inserido, e isto inclui os objetos que possibilitam servir como instrumento facilitador na manutenção da vida e mediador na construção de novos conhecimentos. Esse processo de reconhecimento em relação aos objetos gerou o interesse sobre suas funções nas mais diferentes culturas.

As investigações trouxeram contributos no que se refere à descrição, interpretação e análise dos bens tangíveis como elementos presentes na diferenciação da vida social de alguns povos. Gonçalves (2007, p. 16) lembra que determinados vestígios se tornaram célebres na história a partir de sua descrição e análise. Como exemplo ele cita: os “*Churinga*¹ nos ritos australianos, estudados por Émile Durkheim; “os colares de conchas vermelhas e braceletes do circuito do *Kula*² nas ilhas Trobriandês do norte ao leste e extremo oriental da Nova Guiné, estudo de Bronisław Kasper Malinowski; as máscaras *Dogon*³, estudadas por Marcel Griaule. Esse ponto de vista antropológico abrange não apenas a função de utilidade, bens de troca, mas ultrapassa essa finalidade.

Baudrillard, 2001, p. 11-12) defende que em muitos casos os objetos surpreendem e até decepcionam as expectativas de funcionalidade que se tem dele, sobretudo para os quais foram criados em relação à ordem natural de necessidades humanas. Esses materiais podem assumir diversas funções, especialmente constituir acervos institucionais após o cumprimento da sua missão original. Em alguns casos, são produzidos com a intenção de representar uma pessoa ou fato e, conseqüentemente, indicados para a preservação.

A partir da identificação e representação descritiva do conjunto de qualidades materiais e imateriais que dispõem esses recursos, é possível visibilizar contextos

¹*Churinga* - nome de artefato criado pelos aborígenes australianos que tem a função de ferramenta temporal que associa o passado ao futuro e tem valor simbólico. (Ver exposição no museu do Amanhã-
<https://museudoamanha.org.br/pt-br/nos>).

² *Kula* – encontro ritual a partir de um circuito de prática de navegação, onde os participantes transportavam em canoas, os *vaigua'a* que eram objetos de valor.

³ *Dogon*-Denominação de um povo residente na África Ocidental.



inexplorados, tendo em vista que a prática do tratamento documental, na maioria das instituições de memória, utiliza a catalogação sob o ponto de vista dos aspectos físicos que estão no domínio da visão? Esse questionamento inspira conhecer novas formas metodológicas de descrever materiais tangíveis.

Assim, este trabalho tem como finalidade apresentar a Biografia dos Objetos como recurso metodológico que permite dar visibilidade a informações não identificadas quando da descrição apenas dos dados tangíveis. Essa abordagem tem um olhar diferenciado para a trajetória, os valores, os sentidos e os significados de vestígios, acima de tudo do passado. Ademais, abre espaço para uma perspectiva caleidoscópica de possibilidades de investigações sobre objetos, tendo em vista que são partes integrantes na construção das histórias, das memórias, dos conhecimentos e da identidade de uma cultura.

Para atingir o propósito desta publicação, foi utilizada a pesquisa bibliográfica a partir de uma fonte base que foi uma pesquisa publicada em 2005 da autoria de Samuel Alberti⁴, pesquisador na área de História da Ciência. A sua investigação apresenta três fases da vida de um artefato que, segundo o autor, são necessárias para contextualizar a trajetória dos objetos identificados na fabricação, no uso e na conexão com o expectador de determinado lugar ao assumir o estatuto documental. Com a utilização desse ponto de vista, é possível perceber as relações entre “pessoas e pessoas, entre objetos e objetos e entre objetos e pessoas”. (Alberti, 2005, p. 561).

Para enfatizar essa visão, Dodebei (2010) considera que os materiais são vistos como “resultado de ações” produzidas a partir de um processo de interação social. Faz-se necessário que eles sejam conservados, preservados e estejam disponíveis para a construção da memória representativa de um povo, a fim de estabelecer, assim, uma relação entre o passado e o presente.

Cabe destacar que a associação passado e presente conduz a expectativas do futuro que demandam diversas funções aos vestígios da realidade. Dessa maneira, é compreensível a ocorrência de um processo complexo em relação ao tratamento dos dados desses bens tangíveis, devido ao fato de estes terem a procedência de expressões humanas e integrarem ao sistema simbólico e cultural que permite dar sentido e significado a determinados

⁴ Pesquisador na área de História da Ciência com interesse nos estudos de coleções em museus da Grã-Bretanha, sobretudo a partir do ano 1.800 D.C.



acontecimentos em um tempo específico. Desse modo, é pertinente conhecer novos horizontes em relação aos recursos metodológicos utilizados para representar objetos, prática relevante para a Ciência da Informação, Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. Essas áreas buscam vislumbrar ações que tornam os seus acervos instrumentos vivos de histórias, memórias, informações e conhecimentos.

2 DESCREVER SENTIDOS E SIGNIFICADOS A PARTIR DE REALIDADES TANGÍVEIS

Os objetos tiveram, cada vez mais, influência e se tornaram decisivos para compor um cenário de aperfeiçoamento das práticas nas relações sociais. Eles são frutos de um processo cultural que pode ser transformado e transformar as ações humanas. Assim sendo, assumem diversas funções, como o uso cotidiano em atividades mais simples, em manifestações sagradas, mitológicas, em ferramentas de inovação tecnológica, entre outras realizadas nos mais variados espaços e tempo.

McLuhan (1995) admite que os bens materiais são inseparáveis e estão em constante interação com o homem e o meio. Por conseguinte, tornaram-se a “extensão do homem.” A partir de suas modificações e transformações frequentes com base em novas técnicas utilizadas para as diferentes necessidades, é possível ocorrer a substituição de uma velha extensão por outra que apresenta elementos inovadores. Além do mais, são meios de “prolongamentos de alguma faculdade humana”, seja “psíquica ou física”, como, por exemplo, uma roda é um prolongamento do pé, a roupa é um prolongamento da pele. Agem de maneira intensa, contribuindo para as “consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais.” (MCLUHAM; FIORE, 1969, p. 54). No entanto, McLuhan (1995) adverte que o homem deve ter consciência do ambiente do qual faz parte, composto por circunstâncias padronizadas ou não, bem como o ambiente que ele próprio produz. Acrescenta a necessidade de compreender como funcionam os objetos e as transformações causadas por eles, porém é fundamental conhecer também as mudanças que afetam o ser humano de forma global.

Outro autor que expressa um pensamento aproximado é Miller (2005, 2013), ao compreender os objetos como extensões humanas por exercer influência na formação de novos significados sejam individuais, coletivos ou institucionais. Alicerçada neste ponto de vista, Pearce (2003) recomenda que para investigar coleções em museus, é preciso que sejam



entendidas como peças móveis que podem ter diferentes denominações como objeto, coisa e artefato. Tais categorias são introduzidas no discurso comum e formal, todavia a expressão Cultura Material é utilizada como substantivo coletivo em referência aos seus diferentes vocábulos. A autora citada esclarece que esses materiais são estudados a partir de várias concepções. Esse fato é atribuído por serem “partes do mundo físico”, que carregam uma agregação cultural de usos e fazeres e provocam reações que afetam quem as observa de diferentes maneiras. Corroborando com esse ponto de vista, Deetz (1981, p. 25, tradução livre) admite que o homem molda o ambiente e a cultura material é prova disso. Logo, deve ser tratada como “parte do mundo físico que temos moldado de acordo com um plano culturalmente ditado.” Podem surgir da própria natureza ou advir da criação humana a partir das manifestações culturais.

Observa-se a relevância da cultura material como evidência de uma realidade – seja individual, seja coletiva – que pode dar sentido e significado a alguma coisa durante as apropriações e movimentações das relações sociais. Os objetos expressam riquezas de detalhes não só estéticos, mas subjetivos. Esta subjetividade pode ser identificada a partir de valores e crenças expressos na sensibilidade e nas sensações experienciadas em cada indivíduo. Assim, Harding (2016) entende que os materiais estão inseridos em diversas temáticas como, sobretudo com a história de vida das pessoas e a interação entre coisas e pessoas.

Desse modo, os bens tangíveis incorporam toda uma carga simbólica que a sociedade produz, ou seja, adquirem significados, mudam de *status* com base em classificações culturalmente atribuídas. Eles mediam as ações humanas para representar, comunicar e estabelecer um processo de troca simbólica e transformam a função utilitária em outros valores como resultado de um emaranhado de situações frente às necessidades sociais, como é o caso do desenvolvimento tecnológico. (BAUDRILLARD, 1968).

Harding (2016) utilizando o pensamento de Kondo (2016) assevera que as coisas são mais do que acumulamos em nossas vidas, pois desempenham funções em tudo que fazemos. Pearce (2003) também considera que as coisas existem como resultados de construções históricas e sociais e recorre a Laclau e Mouffe (1987) para dizer que um objeto natural é concebido de um sistema classificatório pois “se não houvesse seres humanos na Terra, as pedras existiriam, ainda estariam lá, no ambiente natural, porém não seriam denominadas de



pedras porque não haveria mineralogia e nem linguagem para classificá-las”⁵. (PEARCE, 2003, tradução livre). As espécies da história natural são construções sociais, assim como qualquer outro objeto que pode ser instrumento de análise social e servir como representação.

Cabe aqui abrir um parêntese e destacar o sentido da categoria representação de acordo com Meneses (2002 p. 25), cuja declaração é que a representação é uma categoria ambígua, significa tornar presente o que está ausente, no entanto, pela própria presença da ausência, acentua a ausência. Segundo ele, “[a representação] se faz com segmentos do mundo físico, se faz com elementos que integram a nossa própria natureza, reitero, que está marcada por nossa corporeidade” e, por isso, o objeto representa a realidade. Por sua vez, o museu se assemelha à ciência e à arte, pois representa o mundo, os seres, as coisas e as relações.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses vai além na sua discussão quando questiona por que o ser humano sente a necessidade de representar, e ele mesmo responde:

Precisamos representar porque somos seres não só produtores de sentidos, significados, valores, mas vivemos deles, não passamos sem eles. Cornelius Castoriadis afirmava que era impróprio definir o homem como ser racional. Se assim fosse, o mundo não estaria mergulhado na irracionalidade da barbárie. Somos dotados de razão, sim, podemos eventualmente fazer uso dela, sim, mas não é o que nos caracteriza. O que nos caracteriza é que somos seres dependentes da imaginação. Mais radicalmente ainda, diz ele: “a imaginação é o que nos permite criar um mundo, ou seja, *apresentarmos* alguma coisa, da qual sem a imaginação não poderíamos nada dizer e, sem a qual, não poderíamos nada saber”. [...] A representação portanto é uma necessidade inelutável, porque sem ela não poderíamos dar inteligibilidade e sentido ao mundo que existimos. (MENESES, 2002, p.24-25).

É contundente quando afirma que não se devem confundir as coisas custodiadas em instituições de memória com as coisas da vida, pois a representação cria a possibilidade de perceber o emaranhado das relações, da diluição e tudo que cabe a experiência das pessoas. Seguindo esse raciocínio, uma arma custodiada em instituição de memória representa a ação de atirar, porém não assume essa função, se transmuta em documento, informa sobre o que deixaram de ser.

⁵ “if there were no human beings on earth, stones would still be there, but they would not be ‘stones’ because there would be neither mineralogy nor language with which to distinguish and classify them”. (PEARCE, 2003, p.10)



Segundo Mainome, Silveira e Tálamo (2011), representar permite a individualização do documento a partir de características específicas, tornando-o único dentro de um acervo e permitindo, ainda, a aproximação entre os iguais em seu contexto temático e de conteúdo. É possível realizar a descrição dos dados a partir do que o objeto representa, tendo em vista os elementos tangíveis e intangíveis, com o propósito de contextualizar a sua trajetória durante as dinâmicas ocorridas no âmbito social.

Com a finalidade de descrever para recuperação e acesso de informações, verificamos a existência de alguns modelos de catalogação que abrangem essa perspectiva tanto em instituições museais como bibliotecas. Para o domínio das bibliotecas, são utilizadas as regras padrões do Código Anglo-American Cataloguing Rules (AACR2), que estrutura a catalogação para documentos textuais e não textuais, porém os elementos de descrição destacam os registros visíveis, ou seja, os aspectos físicos da cultura material. Em relação aos museus, cada instituição realiza suas próprias normas de descrição, e isto resulta, muitas vezes, na descontinuidade dos registros, embora sua estrutura favoreça a contextualização do acervo tratado. Como exemplo de um modelo já existente sobre a organização de objetos tridimensionais, Loureiro, Loureiro e Silva (2009, p.10) expõem a proposta de E. McClung Fleming na área da cultura material, na qual desenvolveu “**cinco propriedades básicas** comuns a todos os artefatos – **história, material, construção, design e função**”, no entanto, o modelo é longo e complicado, fato que inibe a sua aplicação pelas referidas instituições.

Tendo em vista as características complexas desse tipo de acervo, as normas de descrição podem estabelecer uma análise do objeto que supere as características físicas, ou seja, não só deve comungar dados estéticos, técnicos, mas também os contextuais. Enquanto Appadurai (2009) diz que o significado de um objeto vai depender de sua forma, de seu uso e de sua trajetória, Menezes (1992) defende que é importante compreender os objetos a partir da interação social. Corroborando, Ferrez (1994) considera importante registrar os aspectos intrínsecos e extrínsecos. Para os primeiros, ele entende que é possível ser verificado no próprio objeto em seu estado físico. Em relação aos segundos, o autor toma o conceito emprestado de Peter Van Mensch ao atribuir que é o estágio no qual a informação é registrada de forma contextual e adquirida com base em fontes externas ao objeto, e isto permite entendimentos aprofundados.



No processo de formação de um acervo institucional, verificamos nas palavras de Pereira e Nunes (2019) que esses materiais não são entidades estáticas e suas trajetórias não são lineares, indicando um tratamento complexo pois os objetos ao constituir parte inerente do processo social traduzem interesses estratégicos como: políticos, sociais, culturais e econômicos relacionados a vários contextos, diferentes atores e com os próprios objetos. Assim as suas biografias identificam invisibilidades que enriquecem narrativas históricas.

Com base no exposto, torna-se pertinente conhecermos a Biografia dos Objetos que traz um olhar diferencial no processo de tratamento e representação descritiva e contextualizada de vestígios culturais em relação à potencialização dos registros informacionais que, no âmbito do Brasil, a utilização desse tipo de metodologia ainda é pouco explorada.

3 BIOGRAFIA DOS OBJETOS

A criação de acervos advém de diversos tipos de necessidades, sobretudo para preservar acontecimentos do passado, com o intuito de entender o presente e possibilitar mudanças no futuro. Dessa forma, a “*Biographie of Objects*” (Biografia dos Objetos) proposta por Samuel Alberti é uma abordagem metodológica que é fruto de estudos baseados, especialmente na Arqueologia, Antropologia, Sociologia e História da Ciência.

Samuel Alberti entende que a Biografia dos Objetos oferece elementos possíveis para conhecer a trajetória, sentido e significado de testemunhos da realidade. Contribui para esclarecer o processo que descortina propriedades existentes na relação entre os objetos e o seu contexto ainda não explorados. Ele aplicou a referida abordagem nas coleções de história natural e anatomia humana inseridas em museus dos séculos XIX e XX na América do Norte e Europa, com especial atenção para a Grã-Bretanha. (ALBERTI, 2005).

Cabe esclarecer que Alberti (2005) não atribui total poder às coisas, em virtude de acreditar que diminui o arbítrio dos seres humanos na constituição da sua própria história. “As coisas não agiram por direito próprio, [...] suscitaram, mudaram e atuaram como um meio de relacionamento, mas foram, no entanto, inanimados”. (ALBERTI, 2005, p. 561, tradução livre). Os valores e significados dos objetos foram concebidos ao longo do tempo pelos seres humanos, que manipularam e contestaram no momento propício.



Para o processo de aplicação, o pesquisador mencionado considerou a união da etnografia e da arqueologia na História da Ciência e conferiu a origem dos estudos baseada na mercantilização de Igor Kopytoff. Este indaga sobre os instrumentos de troca nas relações humanas, considerando que eles têm histórias de vida pela sua singularidade, sugerindo a “biografia cultural das coisas”, esclarecidas por um “emaranhado de julgamentos estéticos, históricos e mesmo políticos, e de convicções e valores que moldam as nossas atitudes”. (KOPYTOFF, 2008, p. 93).

Ao fazer a biografia de uma coisa, far-se-iam perguntas similares às que se fazem às pessoas: Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse "status", e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual foi a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as "idades" ou as fases da "vida" reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p. 92).

Os questionamentos apresentados por Igor Kopytoff identificam as singularidades que enfatizam as classificações e categorizações e diferenciam os tipos de bens culturais. Desse modo, possibilitou elaborarmos três categorias: a) origem: como, quem, porque criou; b) temporalidade: qual a idade e as marcas culturais, por que ainda está presente, quando termina sua via útil; e c) valores: o que acontece após sua utilidade? Como muda de *status*?

Essas particularidades facilitam a busca de informações no que se refere a seu papel cultural perante o tempo presente, passado e futuro. Apesar de julgarmos relevantes os questionamentos de Igor Kopytoff, nos ancoramos na abordagem criada por Samuel J. M. Alberti, pois, apesar de os pensamentos estarem compartilhados, ele se aproxima dos artefatos que constituem acervos institucionais – em especial, os museus –, distinguindo de Igor Kopytoff, cujos fundamentos estão na mercantilização das coisas.

Alberti (2005) considera a trajetória e as relações com pessoas e outros objetos como elemento essencial nos estudos das coleções. O estudo biográfico pode ser realizado desde a “aquisição até ao arranjo e à visualização através dos diferentes contextos e das mudanças de valor” em uma relação “entre pessoas e pessoas, entre objetos e objetos e entre objetos e pessoas”. (ALBERTI, 2005, p. 561, tradução livre). Essa integração configura uma compatibilidade com a formação de um sistema composto por elementos vinculados aos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos.



Esse ponto de vista pressupõe um olhar além da materialidade, que busca conhecer a trajetória, as ações, assim como a interpretação dos diferentes contextos e das mudanças de valores ocorridos nas relações entre indivíduos, objetos e elementos sociais e culturais que condicionam mudanças e transformações. Esse modelo metodológico está estruturado em três etapas assim dispostas: a) recolha e proveniência; b) vida na coleção; e c) o papel do objeto no processo comunicativo com o visitante.

Sobre a recolha e proveniência, o estudo dos objetos inicia desde a sua produção, passa pelo contexto cultural a que pertenceram, e foram renovados os sentidos e significados nos espaços simbólicos, com base em acontecimento do momento presente e um futuro vivenciado na instituição. Acrescentam-se as circunstâncias que levaram à realização da coleta, às condições em que esses objetos estão sendo preservados, conservados, gerenciados e utilizados. Logo é possível perceber que este processo coaduna com a categoria origem e temporalidade. Em relação às funções sociais e culturais, elaboramos os seguintes questionamentos: a intenção de criação foi para comercialização ou para uso próprio? Houve influência do processo da indústria cultural? Foi uma criação de cunho religioso? Tem alguma característica mitológica? Onde e com quem foi feito o aprendizado do ofício?

O entendimento dos valores, conceitos, concepções, ideologias, crenças, entre outros, associados ao objeto na sua origem, são fundamentais na realização dessa fase. Alberti (2005, p. 564) chama de vida pré-museu que pode ser traçada mediante fontes como: registro de acesso, recibos, catálogos de venda, correspondência de acompanhamento, publicações contemporâneas relevantes e textos sobre os itens dos museus. São fontes que indicam os movimentos possíveis até a chegada ao museu. Para aprofundar a análise, emergem alguns questionamentos:

Sobre a coleta⁶: quais motivações e intenções levaram à realização da coleta? Como foi realizada a coleta? Foram utilizados instrumentos para registrar informações?

Em relação aos coletores: quem participou do processo? Qual a função dos coletores?

Essas perguntas devem ser levadas em consideração, tendo em vista que a vontade de recolher é uma decisão subjetiva de quem vai realizar a coleta. Isso implica em uma atividade complexa de seleção, aquisição e alienação intencional, que inclui a atribuição de sentido e significado. Essa fase abrange o entendimento sobre a atribuição de valor por parte de quem

⁶ Para conceito de coleta ver: Belk, Wallendorf, Sherry e Holbrook (1990).



recolheu e coletou. Aliás, é oportuno refletir sobre as relações sociais e simbólicas como, por exemplo, a intencionalidade da escolha por determinado material e sua função institucional, a fim de identificar os acontecimentos ocorridos no período e a vinculação com os demais eventos internacionais.

Gonçalves (2007, p. 22) diz que as duas últimas décadas do século XX foram significativas para o interesse nos estudos dos objetos tanto na condição de “partes funcionais e significativas de determinados contextos sociais, rituais e cosmológicos nativos” como também dos “componentes dos processos sociais, institucionais, epistemológicos, políticos e de apropriação e colecionamento” verificados em diferentes instituições.

No que concerne à Vida na Coleção, Alberti (2005, p. 564) considera que a Biografia de um Objeto não para quando chega ao museu. Ao contrário, deve existir o enriquecimento de informações devido à atribuição de sentidos e significados pelas pessoas envolvidas na instituição. O bem retirado da circulação mercadológica se torna singular e inalienável, mediante as atribuições dadas nas instituições.

Muitas vezes se tornam verdadeiros tesouros mercadológicos, pois são categorizados como raridades em sua forma e/ou estilo, ou por pertencerem a uma personalidade significativa para a sociedade. Com base no que foi apresentado, formulamos as seguintes questões para um melhor entendimento do processo: quais foram os significados atribuídos pelos coletores? Quais potenciais podem ser identificados? Como e em que momento houve a exploração por curadores? Quanto tempo permanece na sala de reserva?

Diante desses elementos fundamentais no processo de tratamento, é oportuno identificar a classificação, a descrição física a partir do formato, o tamanho, o peso, a coloração, os adornos, o material usado. Outro fator importante de se verificar são as classificações e categorizações utilizadas em catálogos ou sistemas de informações eletrônicos de recuperação e acesso dos dados, e nessas estão incluídas outras possibilidades encontradas no momento da análise. Durante essa fase é necessário realizar um diagnóstico que permita considerar o estado físico, o tipo de material composto, o desgaste pelo tempo e, ainda, se continuam no acervo ou há possibilidade de algum sinistro.

A terceira etapa da metodologia está circunscrita como papel do objeto no processo comunicativo com o visitante que diz respeito às ações expositivas, consideradas fundamentais para um museu ou instituição semelhante. As exposições podem ser realizadas



no formato permanente e temporário, de acordo com a demanda e função institucional. Esse momento depende do processo de pesquisa sobre o artefato ou a coleção que busca difundir conteúdos diferenciados que abrangem públicos específicos ou gerais.

A dedicação para os estudos da Biografia dos Objetos vem, ao longo dos anos, adquirindo adeptos, tendo em conta que a cultura material é a representação simbólica de uma cultura, característica indispensável nas relações sociais e culturais. Desta forma, investigar a sua invisibilidade permite trazer a interdisciplinaridade para essa abordagem metodológica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro dos aspectos intrínsecos e extrínsecos é apropriado para garantir eficiência e eficácia na recuperação da informação, bem como para interpretar os acontecimentos a partir da trajetória de determinado objeto ou coleção. Assim, para preservar histórias e memórias e construir conhecimentos a partir da custódia de testemunhos materiais, a Biografia dos Objetos é um instrumento metodológico que contempla as diversas fases da trajetória de um artefato que responde diferentes demandas informacionais. Com isso, é possível entender a importância para acervos de objetos que visa à identificação e interpretação dos acontecimentos do passado para entender as transformações sociais a partir das relações entre o objeto o homem e seu contexto.

Com ênfase na referida abordagem é possível compreender que ocorre a reunião de informações existentes no espaço interno e externo da instituição, além da contextualização e interpretação dos fatos, visibilizando histórias de objetos, pessoas, instituições e acontecimentos. Esse entendimento proporciona a superação da condição simplista de trabalhar em instituições de memória e do estado de isolamento dos artefatos em relação ao conjunto dos documentos existentes em um acervo.

Tal Condição, proporciona subsídios para ratificarmos a compreensão de que qualquer evidência, independente do tipo, formato, proveniência ou outras propriedades pode ser instrumento com potencialidades de informações e permite revelar histórias nunca reveladas, silenciadas ou esquecidas. Porém, é necessário que a materialidade seja percebida e atenda a intenção de informar.



Os desafios enfrentados pelos agentes que integram os referidos campos devem ser vencidos mediante aperfeiçoamento dos recursos e técnicas de representar a informação no modo de descrição intrínseca e extrínseca, além de reconhecer o valor e a responsabilidade cultural do objeto com respaldo na potencialização da informação, permitindo ampliar a sua função social.

Ao buscar eficiência e eficácia na cadeia operatória do processo de tratamento, representação e preservação de vestígios da realidade, as instituições de memória podem renovar suas práticas a partir da aplicação da Biografia dos objetos como ferramenta essencial para visibilizar informações ainda não reveladas e evidenciadas em valores baseados nos atributos culturais, afirmando que é possível renovar a práxis da organização.

É importante esclarecer que a Biografia dos Objetos pode ser aplicada a diversas áreas do conhecimento que trabalhe com os elementos informacionais identificados no processo do tratamento dos objetos. Verificamos esse fato, sobretudo na aproximação da Ciência da informação e da Museologia. Fato que permite construir um campo fértil para a realização de novas investigações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Samuel J.M.M. Objects and the Museum. **ISIS**, v.9, n.4, 2005. p. 559-571. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249098009_Objects_and_the_Museum. Acesso em: 03 ago. 2019.

APPADURAI, Arjun. A. **A vida social das coisas**. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EDUFF. 2009.

DEETZ, JAMES. The Link from Object to Person to Concept. In: **Museums, Adults and the Humanities**. Washington, DC: American Associating Museums. 1981. Disponível em: <<http://volunteer.hillwoodmuseum.org/wp-content/uploads/2018/11/Deetz-J.-The-Link-from-Object-to-Person-to-Concept.pdf>>. Acesso em: 28 de out. 2019.

DODEBEI, V. **Memória e informação**: interações no campo de pesquisa. In: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org). **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. Estudos de Museologia. Riode Janeiro: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção, 1994. p. 6574 (Cadernos de Ensaio 2)

GONÇALVES: José Reginaldo. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007. (Coleção Museu, memória e cidadania).



HARDING, Anthony. Introduction: Biographies of Things. **Distant Worlds Journal**, v.1, p. 5-10, 2016.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008. p. 89-121.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus; SILVA, Sabrina Damasceno. Apontamentos sobre objetos técnicos como documentos. In: ENANCIB. **Anais...** Disponível em:
<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3132/2258>>. Acesso em: 03 mai. 2017.

MAIMONE, Giovana Deliberali; SILVEIRA, Naira Christofolletti; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Reflexões acerca das relações entre representação temática e descritiva. **Informação & Sociedade: Estudos**; v. 21, n. 1 (2011)

MENEZES, Ulpinano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Par um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Est. Bras.** São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

_____. O museu e o problema do conhecimento. In.: Anais do IV Seminário sobre Casas-Museus: Pesquisa e Documentação. Op. Cit., 2002, p.23.

ORTEGA, C. D. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 41-64, ago. 2016.

PEARCE, Suzan (editor). **Interpreting Objects and Collections**. London e New York: Routledge, 2003.

PEREIRA, Elisabete J. Santos; NUNES, Maria de Fátima. A (in)visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. Leituras de história da ciência. **MIDAS**, Universidade de Évora, Portugal, v. 10, 31 de maio, 2019. Disponível em:
<http://journals.openedition.org/midas/1685>. Acesso em: 18 abr. 2022.